

## RESGATANDO BRECHT NA PÓS-MODERNIDADE

Elizabete Sanches ROCHA<sup>1</sup>

JAMESON, Fredric. **O método Brecht**. Tradução Maria Sílvia Betti. Petrópolis: Vozes, 1999. 240 p.

Maria Sílvia Betti, ao se entregar ao árduo trabalho de tradução de um teórico tão profícuo quanto complexo como Fredric Jameson, oferece uma contribuição inestimável não só aos estudiosos de Brecht no Brasil como a todos os interessados nos debates tão acalorados sobre a produção cultural contemporânea. Sabe-se que se está lidando com um teórico fundamentalmente marxista e que faz questão de demarcar as diferenças entre o que ele denomina alto modernismo e o polêmico pós-modernismo. Há uma tentativa de recuperação – por parte de Jameson – das produções consideradas modernas e aceitas como verdadeiramente artísticas – com destaque à obra de Brecht –, mas que, conforme o autor, teriam se diluído na chamada pós-modernidade. Tais posturas maniqueístas (modernismo *versus* pós-modernismo) e cronológica (o pós-moderno seria resultado do capitalismo tardio) já podem ser vistas em seu famoso livro *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1997), onde se verifica a associação direta que Jameson faz entre capitalismo ou sociedade de consumo e pós-modernismo. Portanto, trata-se de uma reflexão que se sustenta na crença segundo a qual as autênticas obras de arte pertenceriam ao alto modernismo enquanto na contemporaneidade estaríamos assistindo a um esvaziamento ideológico e, conseqüentemente, estético.

O prefácio de *O método Brecht*, escrito por Iná Camargo Costa, tem muito a revelar no que diz respeito às preocupações de um intelectual marxista comprometido com o contexto cultural contemporâneo. Essa preocupação é iluminada pelos objetivos do autor explicitados já no prefácio da tradução brasileira: um maior aprofundamento na obra de Brecht, a fim de conhecê-la com mais propriedade, e uma crítica categórica a toda tentativa de “adaptação” do teatro brechtiano ao contexto pós-moderno. Em outras palavras, a grande tarefa a que Jameson se entrega nesta obra é a de evidenciar que Brecht é imprescindível na chamada pós-modernidade, justamente pelas discussões políticas entranhadas em seu teatro. Jameson não deixa dúvidas quanto à sua filiação marxista; por isso em *O método Brecht* há a clara intenção de se acertar as contas com todo tipo de “uso” e de “abuso” da obra de Brecht no contexto da sociedade de consumo. Na verdade, Jameson está empenhado em mostrar que há uma enorme

<sup>1</sup> Departamento de Educação, Ciências Sociais e Política Internacional – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP – 14400-690 – Franca – SP – bsanches@netsite.com.br

distância entre o alto modernismo – no qual, segundo ele, Brecht se enquadraria – e as produções culturais contemporâneas – consideradas uma espécie de negação da arte, por se relacionarem de maneira promíscua, segundo o teórico, com o mercado e a sociedade de consumo.

Como se vê, trata-se de uma evidente discussão acerca da importância do pensamento dialético. Para Jameson, Brecht permanece atual justamente porque os temas de seu teatro e mesmo seu debate teórico são de primeira ordem na contemporaneidade, pelo esvaziamento ideológico que, segundo o autor, persiste na era do capitalismo tardio. E, para Jameson, o grande diferencial da obra brechtiana estaria no fato de seu teatro não se limitar a ensinar o marxismo, mas oferecer prazer, diversão. É claro que não se discute aqui o valor da obra de Brecht e muito menos sua contribuição estética, uma vez que suas peças obviamente não transporiam tempo e espaço se não fossem, de fato, muito mais que “cartilhas ideológicas”. Mas, apesar de aparentemente não haver dúvidas sobre essa importância do teatro épico de Brecht, Jameson insiste na retomada do pensamento dialético que, no fundo, ele entende como a mais relevante contribuição brechtiana para a prática e a teoria teatrais.

Na verdade, *O método Brecht* abre um espaço privilegiado de discussão sobre a forma e o conteúdo do teatro do dramaturgo alemão, ao mesmo tempo em que chama a atenção do leitor para o difícil – porém necessário – debate acerca da produção cultural pós-moderna. Está claro que Jameson é um dos mais dedicados opositores a pensadores como Linda Hutcheon (*Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*, 1991) por exemplo, que considera haver trabalhos artísticos dignos de tal nome no bojo da sociedade de consumo e entende o pós-modernismo como uma perspectiva crítica de reescrita do passado. Portanto, uma leitura atenta desta obra de Jameson suscita questionamentos prementes não só sobre a obra de Brecht, mas também sobre a sociedade contemporânea e sua produção estética. E é bom lembrar que, curiosamente, assim como a obra de Brecht permanece tão atual – independentemente de sua filiação ideológica marxista –, *O método Brecht* também se destaca por trazer à tona corajosamente um debate muitas vezes – de tão inflamado e essencialmente contraditório – negligenciado pelos intelectuais – marxistas ou não. Dessa forma, apesar de algumas afirmações um tanto simplistas presentes em *O método Brecht*, é inquestionável o valor desta obra que se compromete com a reflexão séria e – diga-se de passagem – altamente erudita acerca de temas como a imobilização social, a chamada globalização, ou, para usar a expressão de Lyotard (*O pós-moderno explicado às crianças*, 1993), a ausência das metanarrativas capazes de explicar e de guiar nosso estar no mundo.

Uma das mais interessantes polêmicas levantadas por Jameson, em seu livro, é sobre o que ele chama de “tentativa de reinventar e reviver” Brecht para a atualidade. A crítica mordaz elaborada pelo autor diz respeito a uma tendência a conformar a obra de Brecht às contingências da sociedade contemporânea guiada pelos interesses

de mercado. Aqui é evidente a postura do teórico marxista tentando “salvar” a arte de Brecht de apropriações supostamente indevidas e ilegítimas. Mas o que torna tal polêmica ainda mais acirrada é justamente o fato de Jameson se sustentar em argumentos bastante coerentes. Exemplo disso é a leviandade que ele aponta em afirmações tais como a existência de um Brecht pós-moderno ou um Brecht pós-socialista ou, ainda, um Brecht da cultura de massas.

Não há dúvida da pertinência deste debate desenvolvido com propriedade em *O método Brecht*. Porém, vale salientar que Jameson explora a importância do dramaturgo alemão na contemporaneidade salientando muito mais sua ideologia do que propriamente sua estética, o que pode ser entendido como uma espécie de tentativa de reinventar e reviver Brecht às avessas. Afinal, ao propor que o teatro dialético seja relevante em tempos de desreferencialização e de destotalização, não estaria Jameson incorrendo na mesma apropriação reducionista da obra de um dramaturgo que supera ideologias, modernismos e pós-modernismos?

Jameson vê em Brecht um autêntico dialético capaz de vislumbrar possibilidades de transformações mesmo no bojo da derrota. Esta, para o teórico, seria sua atualidade em tempos pós-modernos. Assim, seguindo um raciocínio lógico, a recuperação de um teatro como o de Brecht seria urgente na contemporaneidade, uma vez que Jameson está imbuído da crença de que não há perspectiva crítica ou histórica na produção cultural contemporânea. Para ele, a dimensão histórica do teatro brechtiano poderia compensar a ausência de paradigmas fortes e a des-historicização dos pós-modernos. Vale a pena salientar novamente que este olhar cético sobre as manifestações artísticas atuais é uma das pedras fundamentais do pensamento de Jameson, exposto em outros livros como o já citado *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*.

Um outro dado bastante instigante explorado pelo autor em seu livro diz respeito ao que ele chama de “Grande Método brechtiano”, ou seja, Brecht, segundo Jameson, teria dado ao marxismo uma dimensão filosófica não-ocidental e não-burguesa jamais vista e que se contraporía ao materialismo dialético de Stalin. Complementando este raciocínio, Jameson afirma ainda que Brecht recria a dialética marxista, acrescentando em seu método muito da filosofia oriental. Acresça-se a isso o fato de que Brecht teria preenchido as lacunas do marxismo a partir da sabedoria chinesa. Em outras palavras, Jameson não se limita a rotular Brecht de marxista, mas discute quais os novos sentidos que o dramaturgo alemão teria dado a esta doutrina sem, todavia, abrir mão da dialética.

Como não poderia deixar de ser, uma vez que Jameson está preocupado em resgatar uma arte capaz de fazer com que a sociedade abandone sua imobilidade atual, o efeito-V ou o distanciamento – sem dúvida, um dos pilares do teatro épico – ganha destaque nas discussões desenvolvidas em *O método Brecht*. Esta ênfase recai sobre a relevância que o teatro brechtiano assumiria, segundo o autor, no cenário

contemporâneo que tende a mostrar com muita veemência a supremacia da ordem natural sobre a ordem social. Em outras palavras, o efeito de estranhamento do teatro brechtiano poderia, mais do que nunca, realizar seu objetivo de despertar as consciências adormecidas que desaprenderam ou não chegaram a perceber que a sociedade é historicamente direcionada e que, portanto, a realidade pode ser transformada.

Jameson sustenta sua tese – segundo a qual Brecht seria imprescindível na atualidade – a partir da idéia de que haveria hoje um certo cansaço brechtiano. Como se depreende do livro de Jameson, trata-se de uma preocupação urgente com a retomada de projetos “heróicos” do modernismo, capazes de dissipar a ignorância e promover a consciência crítica através da arte. Sabe-se, é claro, que Brecht ideologicamente era adepto dessa crença; importa dizer, porém, que o teatro brechtiano – sem necessitar, é claro, de adaptações ou recriações pós-modernas – ultrapassa esse ideal socio-político e continua a dizer muito, esteticamente, para os leitores/espectadores contemporâneos. E nesse aspecto em especial a obra de Jameson é de suma importância, uma vez que toda a sofisticação do teatro épico – muitas vezes reduzida a estereótipos – é explorada com a maestria de quem conhece muito o assunto. Ocorre, todavia, que Jameson trabalha com as categorias modernismo *versus* pós-modernismo, atribuindo um valor positivo para as produções modernistas e um valor negativo para as manifestações estéticas que, segundo o autor, são resultantes da sociedade de consumo. É sempre bom lembrar que tal posicionamento é extremamente polêmico, a começar da dicotomia modernismo/pós-modernismo. Apesar dessa visão reducionista acerca de uma discussão que parece não ter fim, em *O método Brecht*, Jameson explora a densidade do teatro brechtiano – justamente para sustentar sua tese de que as produções contemporâneas são superficiais em termos estéticos e ideológicos. De qualquer modo, sua contribuição é inquestionável, tendo em vista o delicado estudo dedicado a obras sequer traduzidas no Brasil, como é o caso do *Livro das reviravoltas*, do dramaturgo alemão.

Não deixa de constituir um grande feito de *O método Brecht* – ainda que de forma indireta, no nível da recepção operada pelo leitor – a confirmação de que falar em teatro épico no Brasil engendra mais questionamentos que propriamente certezas, tendo em vista que os exemplos de recurso ao teatro épico em nossa dramaturgia dão margem a que se duvide da existência, em terras brasileiras, de uma estética brechtiana. Sobre esta discussão acerca da recepção do teatro épico no Brasil, Iná Camargo Costa (*A hora do teatro épico no Brasil*, 1996) desenvolve reflexões fundamentais que vão ao encontro das provocações elaboradas por Jameson. Uma inferência que se pode fazer a partir da leitura deste livro de Jameson diz respeito à questão de como a obra de Brecht foi absorvida e se desenvolveu em diferentes países. Em *O método Brecht*, o autor chega a salientar que no Terceiro Mundo existiram motivos bastante concretos para que nas décadas de 1960 e 1970 houvesse uma preocupação muito grande com a absorção dos elementos do teatro épico, com a encenação de peças

escritas por Brecht e com a produção de novos textos inspirados pelo chamado teatro dialético. Jameson chama a atenção para algumas razões que teriam levado esses dramaturgos e intelectuais “terceiromundistas” a considerar Brecht “o maior dramaturgo do mundo”: a necessidade de uma inovação teatral; a busca de um novo tipo de literatura e de política; a identificação entre os excluídos e Brecht, que tratou seu próprio país como se pertencesse ao chamado Terceiro Mundo.

Por todas estas razões, *O método Brecht* merece destaque entre as obras de interesse para todos os que não se furtam a estudar trabalhos densos, provocadores, extremamente sofisticados, e elaborados de modo a remeter o leitor freqüentemente a outras tantas obras que muitas vezes não fazem parte de sua bagagem intelectual. Este é também um outro bom motivo para se deter neste livro de Jameson, que é capaz de oferecer ao leitor a possibilidade de ampliar suas reflexões teóricas através do profícuo debate que se instala no bojo da obra. Trata-se, enfim, de um livro que pode e deve romper os limites acadêmicos que muitas vezes colocam, de um lado, os favoráveis e, de outro, os contrários ao pós-modernismo – como se esta simplificação fosse possível. Em *O método Brecht*, Jameson – apesar de tomar o partido dos que são críticos à produção cultural chamada pós-modernista – acaba por oferecer uma ótima oportunidade de reflexão acerca dos posicionamentos teóricos relativos à obra de Brecht em particular e à arte contemporânea de um modo geral.

## Referências

- COSTA, I. C. **A hora do teatro épico no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.
- LYOTARD, J. F. **O pós-moderno explicado às crianças**. Lisboa: D. Quixote, 1993.

